

Artigo recebido em  
29/04/2015

Aprovado em  
24/08/2015

**DÉBORA LAPA GADRET**  
deboragadret@gmail.com  
Unisinos / UFRGS  
Professora do Curso de  
Jornalismo da Unisinos, na área  
de telejornalismo. Doutoranda  
no Programa de Pós-  
Graduação em Comunicação  
e Informação da UFRGS, na  
linha de Jornalismo e Processos  
Editoriais. Integra o Núcleo  
de Pesquisa em Jornalismo  
(Nupejor - UFRGS/CNPQ)

**JÉSSICA BERGER**  
berger.jessica@hotmail.com  
Unisinos  
Jornalista diplomada  
com atuação na área de  
telejornalismo. Produtora da  
RBS TV em Joinville

# Âncora Internacional – A posição enunciativa de Renato Machado no *Bom Dia Brasil*<sup>1</sup>

Débora Lapa Gadret e Jéssica Berger

## Resumo

Essa pesquisa articula os conceitos de correspondente internacional e de âncora como funções estabelecidas no telejornalismo brasileiro. O artigo aborda a posição enunciativa de Renato Machado no telejornal Bom Dia Brasil, no qual o jornalista apresenta notícias internacionais a partir do escritório da Rede Globo em Londres. Tendo a Análise de Discurso como base teórico-metodológica, podemos perceber que a posição de Machado é convergente dessas duas funções enunciativas, originalmente distintas. Através do estudo das entradas do jornalista durante um mês de telejornal, foi possível identificar e propor uma posição enunciativa particular dentro do telejornalismo brasileiro: o âncora internacional.

## Palavras-chave

Telejornalismo, Âncora, Correspondente internacional.

## Abstract

This research articulates the concepts of international correspondent and of newsanchor as established positions in brazilian newscasts. The article focuses on the enunciative position of Renato Machado in the newscast Bom Dia Brasil, in which the journalist presents international news from Rede Globo's office in London. Drawing from Discourse Analysis as a theoretical and methodological approach, we affirm that Machado's position is convergent of these two enunciative functions, originally distinct. Through the study of his participation during a month of newscast it was possible to identify and propose a particular enunciative position in brazilian television journalism: the international newsanchor.

## Keywords

Television journalism, Newsanchor, International correspondent.

*<sup>1</sup>A primeira versão deste artigo foi apresentada na comunicação coordenada "Lugares e sujeitos do jornalismo contemporâneo" durante o XII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, que ocorreu em Santa Cruz do Sul (RS), em novembro de 2014.*

**E**m fevereiro de 2012, após 15 anos como editor-chefe do *Bom Dia Brasil*, Renato Machado se despediu da bancada do telejornal matutino da Rede Globo para tornar-se correspondente da emissora em Londres. Na despedida, a apresentadora Renata Vasconcellos sinalizou a função do colega na Inglaterra: trazer “todas as notícias e análises do mundo”. O jornalista voltou a ocupar o cargo de correspondente da Rede Globo na Inglaterra, que foi seu posto entre 1984 e 1990. Porém, suas participações no *Bom Dia Brasil* indicavam uma mudança significativa na construção discursiva do telejornal: não entrava para noticiar um acontecimento no exterior, mas para hierarquizar as notícias internacionais; não estava no lugar dos fatos, mas apresentava-os a partir do escritório da Rede Globo em Londres.

Esta pesquisa surge da hipótese de que o papel de Renato Machado no *Bom Dia Brasil* extrapolou as funções de âncora e de correspondente internacional apontadas na literatura sobre o telejornalismo. O objetivo, portanto, é analisar como se configura a posição enunciativa de Renato Machado no telejornal, levando em consideração as apropriações dos papéis de correspondente internacional e de âncora na reconfiguração do discurso.

Examinamos a participação do jornalista em 20 edições do telejornal, entre 25 de fevereiro e 22 de março de 2013, a partir do conceito de função enunciativa proposto pela análise de discurso de linha francesa. Após a degravação do material, foram identificadas 137 sequências discursivas que relacionam-se a três posições enunciativas: âncora, correspondente internacional e âncora internacional.

Para chegar à compreensão da posição enunciativa de âncora internacional e poder explorar suas características, precisamos primeiro compreender dentro do quadro teórico da análise do discurso as noções de posição de sujeito, de função enunciativa e sua relação com a função-autor.

### **O sujeito no discurso e a função enunciativa**

A Análise de Discurso permite estudar a linguagem a partir de uma perspectiva sócio-histórica, interrogando sua transparência e reconhecendo o discurso como um efeito de sentido entre locutores. Conforme aponta Orlandi (2007, p. 15), a AD procura “compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”. O jornalismo, como um lugar de produção e circulação de sentidos, é um discurso dialógico em dois planos: na medida em que é interdiscursivo, é também intersubjetivo (BENETTI, 2007). Isso significa que, além de relacionar-se com enunciados que os precedem e os sucedem em um espaço de luta entre vozes sociais (FIORIN, 2010), também é uma relação entre sujeitos.

Essa relação se constitui a partir de uma posição de sujeito, formada pela imagem decorrente de projeções que nos permitem deslocar o locutor de um lugar empírico para uma posição discursiva. “Na relação discursiva, são as imagens que constituem as diferentes posições” (ORLANDI, 2007, p. 40). Essas posições são negociadas a partir de uma formação imaginária na qual os sujeitos inseridos na relação discursiva consideram, como locutor “Quem sou eu para lhe falar assim?” e “Quem é ele

para que eu lhe fale assim?"; e como interlocutor "Quem sou eu para que ele me fale assim?" e "Quem é ele para que me fale assim?" (PÊCHEUX, 1997). A partir desse mecanismo imaginário é que os sujeitos se assentam nas relações sociais e relações de poder.

Desta forma, é possível afirmar que "o efeito do sentido do discurso tem relação com a posição de enunciação, com a posição do sujeito, com o lugar de fala, e não propriamente com o sujeito, a pessoa que ocupa esse lugar" (FRANZONI, 2013, p. 63). No entanto, as posições de sujeito não são estanques ou fechadas. Assim como os sentidos e o próprio discurso, são impelidas não apenas pela língua, mas também por sua exterioridade. Segundo Orlandi (2007, p. 53), "entre o jogo e a regra, a necessidade e o acaso, no confronto do mundo e da linguagem, entre o sedimentado e o a se realizar, na experiência e na história, na relação tensa do simbólico com o real e o imaginário, o sujeito e o sentido se repetem e se deslocam".

Já a função enunciativa propõe uma relação singular entre o enunciado e aquele que o enuncia, com características particulares em relação à posição de sujeito. Conforme aponta Foucault (2008, p. 102), "é no interior de uma relação enunciativa determinada e bem estabilizada que a relação de uma frase com seu sentido pode ser assinalada". O jornalismo, como um gênero discursivo particular (BENETTI, 2008), com características próprias reconhecíveis tanto por sua instância de produção, quanto por sua instância de recepção dentro de um contrato de comunicação (CHARAUDEAU, 2009), propicia essa estabilidade. É por isso que o jornalismo adquire legitimidade social e os

jornalistas, por sua vez, são considerados credíveis para relatar e interpretar os acontecimentos.

Conforme Franzoni (2013), a função enunciativa é pensada por Foucault a partir de suas modalidades enunciativas, que são o *status de quem fala*, os *lugares institucionais de onde se fala* e sua *posição de sujeito*. Importante aqui ressaltar que posição do sujeito enunciativo é diferente de autoria. A função-autor, como a origem do dizer imputada a um sujeito descentrado pelos esquecimentos enunciativo e ideológico (ORLANDI, 2007)<sup>2</sup>, difere-se da função enunciativa principalmente pelo que diz respeito ao seu "anonimato uniforme" (FRANZONI, 2013). De acordo com Foucault, a função enunciativa:

É um lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes; mas esse lugar, em vez de ser definido de uma vez por todas e de se manter uniforme ao longo de um texto, de um livro ou de uma obra, varia – ou melhor, é variável o bastante para poder continuar, idêntico a si mesmo, através de várias frases, bem como para se modificar a cada uma. Esse lugar é uma dimensão que caracteriza toda formulação enquanto enunciado, constituindo um dos traços que pertencem exclusivamente à função enunciativa e permitem descrevê-la (FOUCAULT, 2008, p. 107-108).

Assim, um âncora no telejornal exerce uma função-autor por parecer

<sup>2</sup>O primeiro esquecimento é da ordem da enunciação e diz respeito à forma como dizemos uma coisa e não outra. Estabelece uma ilusão referencial, ou seja, uma relação natural entre língua e coisa da qual se fala. Já o segundo esquecimento resulta da afetação do sujeito pela ideologia. O sujeito tem a ilusão de ser a origem do que diz, quando na verdade retoma sentidos preexistentes. "É assim que suas palavras adquirem sentido, é assim que eles se significam retomando palavras já existentes como se elas se originassem neles e é assim que sentidos e sujeitos estão sempre em movimento, significando sempre de muitas e variadas maneiras. Sempre as mesmas mas, ao mesmo tempo, sempre outras" (ORLANDI, 2007, p. 36).

ser a origem do dizer jornalístico, no entanto seus enunciados – além de estarem condicionados aos esquecimentos discursivos e às próprias condições de produção do campo jornalístico, com seus constrangimentos organizacionais e valores profissionais – possuem traços comuns a sua função enunciativa. Ou seja, os sujeitos podem se alterar no exercício da atividade, porém a função enunciativa permanecerá existindo, mesmo que de alguma forma modificada.

Percebe-se desta maneira que, na função enunciativa, os enunciados ocupam um lugar institucional e possuem um *status* dentro de um campo enunciativo, que lhe abre relações possíveis com o passado e que lhe apresenta um futuro eventual. Franzoni (2013, p. 70) interpreta que o enunciado está relacionado “a uma identidade que varia de acordo com um regime complexo de instituições, na qual a identidade está submetida pela utilização, pela aplicação e pelo papel ou função que o enunciado deve desempenhar”.

Esses enunciados devem ter uma existência material, constitutiva do próprio enunciado. Segundo Foucault (2008, p. 114), “o enunciado precisa ter uma substância, um suporte, um lugar e uma data. Quando esses requisitos se modificam, ele próprio muda de identidade”. O espaço que Renato Machado ocupa em sua participação no *Bom Dia Brasil* da bancada em Londres é onde o seu discurso adquire materialidade, não por meio do lugar físico de onde enuncia, mas pela autorização institucional que adquire. Sua materialidade é repetível, da ordem da instituição mais do que da localização espaço-temporal. “Enquanto uma enunciação pode ser *recomeçada* ou *reevocada*, enquanto

uma forma (linguística ou lógica) pode ser *reatualizada*, o enunciado tem a particularidade de poder ser *repetido*: mas sempre em condições estritas” (FOUCAULT, 2008, p. 118).

Compreendidas as características da noção de posição de sujeito, de função enunciativa e suas relações com a autoria, passamos agora a apresentar duas das funções enunciativas identificadas no telejornalismo como relevantes a este trabalho: âncora e correspondente internacional.

### **O âncora e o correspondente internacional**

A televisão oferece um laço social ligando a experiência do sujeito a uma coletividade (WOLTON, 1996). No telejornalismo, esse vínculo se estabelece em um lugar de interação entre enunciadore e telespectadore – espaço constituído na transmissão direta, em tempo real e ao vivo<sup>3</sup> que, por sua vez, cria uma temporalidade compartilhada (FECHINE, 2008). Nessa construção discursiva, que permite um efeito de co-presença entre produção e recepção, o âncora e o correspondente internacional configuram-se em sujeitos centrais na constituição desse laço.

O âncora é a imagem e a voz da emissora. Ultrapassando a mera apresentação das notícias, esses profissionais conduzem o telejornal e têm responsabilidade sobre os enunciados que apresentam (MOTA, 2009). Não são sempre os autores do texto que enunciam durante a transmissão; porém ocupam a função-autor, visto que dão materialidade aos enunciados. Ao mesmo tempo em que buscam estabelecer uma relação empática com o telespectador por meio de suas qualidades pessoais,

<sup>3</sup>A transmissão direta é um fenômeno técnico que “permite a produção, a transmissão e a recepção de um programa de modo simultâneo”, enquanto o “ao vivo” é um fenômeno semiótico capaz de produzir determinados efeitos de sentido (FECHINE, 2008, p. 26).

os âncoras renovam a credibilidade da emissora por meio de um *ethos* discursivo<sup>4</sup>. Para Mota (2009), há uma relação direta entre a imagem que o âncora cultiva de si próprio com a credibilidade do espaço discursivo que ocupa. O âncora torna-se, portanto, o fiador de sua própria enunciação por meio de um caráter e uma corporalidade assumidos no discurso (MAINGUENEAU, 2008).

Nessa enunciação, a cenografia – como um espaço do qual o discurso é oriundo e que, ao mesmo tempo, engendra esse discurso – legitima sua função enunciativa. O estúdio de televisão, com sua identidade visual reconhecível e seus apresentadores ocupando essa cena de enunciação que é atravessada pela cena genérica do jornalismo, são parte das condições que tornam o contrato de comunicação reconhecível.

A função enunciativa do âncora, em status e posição institucional privilegiada dentro da emissora e do programa, também constrói-se por uma posição de sujeito da qual se espera a organização hierárquica das diversas vozes que se rivalizam na arena do telejornal, conforme Machado (2000). Essa organização da polifonia – tanto como atividade de edição, quanto de apresentação –, característica do jornalismo (BENETTI, 2007), pode deixar marcas discursivas mais ou menos evidentes. Segundo Machado (2000), o telejornal pode organizar-se de forma centralizada e opinativa, sendo o âncora a fonte principal da organização dos enunciados; ou de forma polifônica, no qual abre passagem para o enunciado de outros protagonistas.

Ao dispor as vozes no telejornal, de forma centralizada ou não, instituem-se outras funções enunciativas no

telejornal, entre elas a de correspondente internacional. O jornalista que exerce essa atividade adquire determinado status em relação aos pares e representa uma distinção à instituição da qual faz parte. Segundo Agnez (2012), os meios de comunicação de maior porte, especialmente a televisão e o jornalismo impresso, quando desejam uma cobertura internacional de alta qualidade, investem em correspondentes internacionais para não depender exclusivamente dos conteúdos de agências<sup>5</sup>.

Correspondente internacional vai ser aqui considerado como um jornalista sediado em um país que não é o seu de origem com a missão remunerada de reportar fatos e características dessa sociedade em que vive para uma audiência da sua nação materna por meio de um veículo de comunicação (SILVA, 2011, p. 16).

Sua distinção também é da ordem das competências pessoais, visto que deve possuir amplo repertório cultural que vai além do conhecimento do idioma e abarca noções históricas e geopolíticas da região de abrangência de sua cobertura (AGNEZ, 2012). O jornalista Timothy Ash (2010) aponta três funções do correspondente internacional: testemunhar de forma independente, honesta e precisa os eventos; contextualizá-los e interpretá-los. Para ele, nada se compara a estar no lugar dos acontecimentos para poder relatá-los e exercer as duas últimas funções.

No entanto, o trabalho do correspondente internacional se modifica pelas mudanças tecnológicas que facilitam

<sup>4</sup>Bertasso (2014) destaca que o *ethos* discursivo avigora a identidade dos veículos jornalísticos, colabora para a (re) afirmação dos seus respectivos contratos de comunicação e produz sentidos que reforçam nossa crença nos valores e princípios do jornalismo como instituição social.

<sup>6</sup>Alguns autores (GUREVITCH et al, 1991; CLAUSEN, 2004) destacam que a editoria internacional na TV deve ser capaz de “domesticar” os fatos, enquadrando-os a partir de um referencial cultural do país ao qual se reportam. A capacidade de estar no local dos acontecimentos potencializa esse enquadramento.

a transmissão da informação e pelo enxugamento das redações no exterior por motivos financeiros. A presença no local dos acontecimentos, que instaura credibilidade ao relato, torna-se menos frequente na atividade do correspondente internacional, que passa a fazer sua passagem em locais distantes do fato reportado, conforme aponta Hagen (2009). Essa passagem comensalista busca “a associação com o acontecimento ocorrido em outro lugar para ‘se alimentar’ da informação gerada; não divide o mesmo espaço/tempo com os fatos ocorridos e apaga a função primeira de ‘construção de presença’” (HAGEN, 2009, p. 7).

Os telejornais da Rede Globo, por exemplo, costumam indicar que existe a presença do correspondente na região dos acontecimentos reportados. Esse sistema discursivo apaga a distância entre o fato noticiado e o repórter, que somente grava uma passagem baseado em relatos de agências de notícias ou de outros veículos e colegas. O comensalismo, portanto, representa a perda do referencial geográfico e cria discursivamente em efeito de co-presença, mesmo quando a presença não existe. “Se o público não tem como acessar pessoalmente as informações e, de forma geral, não ‘presencia’ a distância que separa os dois países, fica mais fácil falsear o sentido de proximidade, um forte abalizador da credibilidade” (HAGEN, 2009, p. 11).

Apresentados o *status* do âncora e do correspondente internacional, bem como seus lugares institucionais e a construção de sua posição de sujeito dentro do telejornal que lhe conferem uma função enunciativa determinada, possuidora de um “anonimato uniforme”, passamos agora a analisar a participação de Renato

Machado no *Bom Dia Brasil*.

### **A participação de Renato Machado no *Bom Dia Brasil***

A escolha do período de análise entre fevereiro e março de 2013 foi aleatória e resultou em 137 seqüências discursivas (SDs) relacionadas a três posições enunciativas particulares identificadas por meio da paráfrase<sup>6</sup>: correspondente internacional, âncora e âncora internacional. A primeira, o correspondente internacional, leva em consideração as características dos repórteres que atuam no exterior como profissionais que trabalham na rua apurando a notícia e que tradicionalmente constroem reportagens, notas cobertas com *stand up* ou entram em boletim ao vivo nos telejornais. A segunda, o âncora, assume o papel de hierarquizar as vozes do telejornal, organizando as entradas ao vivo em link e a participação de comentaristas, chamando as reportagens, lendo notas ou gravando notas cobertas<sup>7</sup>.

A terceira, o âncora internacional, baseia-se na hibridização das duas posições anteriores e foi formulada a partir da observação de particularidades da atuação de Renato Machado no *Bom Dia Brasil*, que tem em média quatro minutos de duração por edição. Neste tempo, apesar de ser tratado como correspondente pelos apresentadores que estão no país e de, por vezes, dividir o espaço discursivo com outros correspondentes, o jornalista também organiza vozes durante a sua entrada ao vivo do exterior, chamando outros correspondentes e suas matérias. Ao mesmo tempo, comenta os fatos a partir do escritório de Londres como se estivesse no local dos acontecimentos, criando um efeito de co-presença. Assim, estabelece

<sup>6</sup>Paráfrase é, em *Análise de Discurso, uma relação de equivalência entre enunciados* (PETIT, 2008), que, em suas diversas ocorrências em um corpus de pesquisa, indica um núcleo de sentidos sobre o qual se organizam as formações discursivas (BENETTI, 2007).

<sup>7</sup>É relevante destacar alguns termos do telejornalismo que serão utilizados na análise. Cabeça e pé são os textos proferidos pelo âncora na apresentação de uma reportagem e em seu encerramento, respectivamente. Nota coberta é uma notícia previamente editada na qual as imagens são acompanhadas pela locução do apresentador ou do repórter. Nota pelada é a notícia proferida pelo apresentador, sem acompanhamento de imagens.

uma posição enunciativa singular, diversa das funções anteriores.

A primeira observação sobre o corpus analisado é que o discurso de Renato Machado adquire materialidade a partir de uma cenografia particular, na qual o jornalista estabelece uma interação com o Brasil e com outros correspondentes internacionais a partir do escritório de Londres. É a partir dessa cenografia, atravessada pela cena englobante da televisão e pela cena genérica do jornalismo, que podemos compreender a posição enunciativa que se configura a partir da relação do jornalista com os outros sujeitos de telejornal – âncoras, correspondentes internacionais e o próprio telespectador.

Renato Machado assume a função de correspondente internacional principalmente quando a interlocução se dá com os âncoras do *Bom Dia Brasil*. Na SD abaixo, Chico Pinheiro abre espaço para Machado falar sobre a morte do ex-presidente venezuelano Hugo Chávez, inquerindo sobre a recepção na notícia na região de cobertura do correspondente.

Vamos agora saber como é que a Europa recebeu a notícia da morte de Hugo Chávez (SD 51, Chico Pinheiro, 06 mar. 2013, cabeça). Olha, Chico, o que todos querem saber aqui é como vai ser daqui para frente, como será a relação da Venezuela com o resto do mundo. Os principais jornais e edições de internet estamparam a morte do presidente venezuelano (SD 52, Renato Machado, 06 mar. 2013, nota).

No dia 8 de março, o âncora Chico

Pinheiro chama o jornalista dizendo que o telejornal continuaria com um “giro pelas notícias que são destaque no mundo [...]” (SD 65, Chico Pinheiro, 8 mar. 2013). Nesta edição do programa, Renato Machado e Roberto Kovalick (correspondente em Tóquio, Japão) dividem a tela, estabelecendo e ao mesmo tempo partilhando a posição de correspondente internacional, numa interlocução equivalente.

Nós temos aqui no telão nossos correspondentes em Tóquio e em Londres. Nós vamos começar por Londres. Renato Machado, todos os cardeais com direito a voto na sucessão do Papa já estão no Vaticano? Bom dia (SD 65, Chico Pinheiro, 8 mar. 2013, cabeça).

No mesmo dia, de Londres, Machado ancora uma nota coberta com passagem da correspondente Ilze Scamparini sobre a eleição do novo Papa, após a renúncia de Bento XVI, alternando neste momento sua posição de correspondente internacional para a de âncora.

Chegou ontem ao Vaticano o último cardeal, o que faltava, a expectativa hoje é pelo anúncio da data do conclave, como você vai ver na reportagem de Ilze Scamparini (SD 69, Renato Machado, 8 mar. 2013, cabeça).

Como mostra o exemplo acima, mesmo com a presença de outras vozes de correspondentes no telejornal, a posição do jornalista costuma ser

hierarquicamente superior a dos demais. Outro momento que reitera a função de Machado na organização das vozes dos correspondentes internacionais é quando ele aciona, como âncora internacional, o correspondente Roberto Kovalick.

E vamos à Tóquio, porque o momento é de tensão na Ásia. Boa noite, aí! Hoje a Coreia do Norte deu mais um passo que ameaça gravemente a paz em toda a região (SD 70, Renato Machado, 8 mar. 2013, cabeça).

Kovalick, da bancada no Japão, faz uma cabeça, uma nota coberta e um pé para dar informações sobre a tensão instaurada entre os japoneses e os norte-coreanos. Apesar de os dois correspondentes internacionais estarem alocados em estúdio, aparentando estar na mesma posição de sujeito, essa sequência discursiva mostra que existe uma hierarquia de apresentação entre os dois. Além disso, Kovalick aparece como o correspondente que vai para a rua fazer reportagens, ao mesmo tempo em que estabelece uma interlocução com Machado no estúdio do Japão, atrás de uma bancada. O último, no entanto, somente aparece dentro do estúdio em Londres, reforçando a posição enunciativa de âncora.

A única vez em que um correspondente chamou Renato Machado durante o período de análise foi no dia 13 de março, quando Marcos Uchôa estava fazendo um *stand up* nas ruas de Roma e passou a palavra para ele, nos estúdios de Londres. No entanto, essa SD também reforça a posição de âncora internacional, na medida em que Machado assume uma posição de interpretação do fato, atividade típica do comentarista e do âncora no

telejornalismo.

Novo Papa, novo nome que tem que ser escolhido. Para essa explicação de como isso acontece, nós vamos à Londres com o Renato Machado (SD 77, Marcos Uchôa, 13 mar. 2013, cabeça).

Sim, Marcos Uchôa (SD 78, Renato Machado, 13 mar. 2013, cabeça).

A pergunta passa a ser qual vai ser o nome que o Papa vai escolher. É um processo curioso que pode dar pistas sobre o pensamento do novo Papa (SD 79, Renato Machado, 13 mar. 2013, cabeça).

A opção institucional de deixá-lo no estúdio em Londres, comentando e hierarquizando as notícias, foge dos padrões de um correspondente internacional, que geralmente apresenta-se como repórter. Ao invés disso, Machado constrói-se discursivamente como um correspondente internacional que se posiciona como âncora. Ao invés de um *stand up* na rua, ele faz uma nota coberta no estúdio; tem o poder de chamar vozes e de editorializar as notícias, o que lhe confere a característica de âncora. Para reiterar a posição ambivalente do jornalista, apresentamos como exemplo duas ocasiões. No dia 18 de março, Chico Pinheiro faz uma cabeça para chamar o correspondente na Europa, falando sobre o primeiro Angelus do Papa Francisco e a quebra de protocolo na cerimônia, aproximando-se dos fiéis.

Mas vamos à Londres, vamos

falar com o Renato Machado sobre o Papa. Bom dia, Renato (SD 101, Chico Pinheiro, 18 mar. 2013, cabeça).

Colocado na posição de correspondente internacional, Renato Machado responde ao colega, para logo assumir a posição de âncora internacional ao estabelecer para o telespectador um contexto sobre a escolha do novo pontífice, um argentino.

Hoje no Vaticano é um dia de reconciliação. O Papa Francisco recebe para um almoço logo mais presidente Cristina Kirchner, da Argentina. Apesar das desavenças, ela será a primeira chefe de estado a visitar o pontífice. (Sd 103, Renato Machado, 18 mar. 2013, nota).

No período seguinte, posiciona-se como âncora ao chamar a reportagem de Ilze Scamparini. As orações são curtas e concisas, respeitando a métrica tradicional das cabeças de reportagem no telejornal diário.

Ontem, no Angelus, o Papa exaltou o perdão e voltou a encantar os fiéis com o jeito simples e informal, como você vai ver na reportagem de Ilze Scamparini (SD 104, Renato Machado, 18 mar. 2013).

No dia 14 de março, segunda situação apontada como exemplo da ambivalência da posição de Machado no telejornal, novamente Chico Pinheiro anuncia sua entrada como um correspondente internacional. Nessa e em outras

situações discursivas semelhantes, os âncoras do Brasil posicionam Machado como ator mais bem preparado para repercutir a notícia internacional.

A escolha do novo Papa é notícia no mundo todo. Por isso nós vamos a Londres falar com o Renato Machado. Porque não é só um novo Papa, parece ser um Papa novo, não é Renato? (SD 86, Chico Pinheiro, 14 mar. 2013).

De Londres, o jornalista faz uma cabeça em que reflete as informações dos jornais britânicos sobre a escolha do Papa, posicionando-se como um correspondente internacional que dá a dimensão do fato na sua região de cobertura. Por fim, chama uma nota coberta lida por ele mesmo, na qual busca dar todos os aspectos da repercussão desse acontecimento mundialmente, na posição enunciativa de âncora internacional.

O inglês *Financial Times* destaca duas qualidades do novo pontífice. A humildade e o fato dele ser livre de escândalos, em referência às denúncias da igreja católica recentemente. Uma nova mão de Deus para a Argentina é a manchete do francês *Le Monde*, que lembra a famosa frase do jogador Maradona na Copa do Mundo de 86. A rede de televisão *CNN* destaca a mudança na história e a quebra de tradição do pontífice na apresentação. As mudanças que o anúncio do Papa trouxe são destaque também no *Wall*

*Street Journal*. Para o jornal, a Igreja olha para o novo mundo ao escolher um papa não europeu e jesuíta pela primeira vez. Na Argentina, o *Clarín* lembra os desentendimentos do novo papa com a presidente Cristina Kirchner enquanto era Arcebispo em Buenos Aires e disse que a presidente espera um trabalho significativo do pontífice. O *La Nación* destaca a reação do ex-jogador e ídolo argentino Maradona. “Nós já temos o Deus do futebol e agora também o Papa”, disse Maradona (SD 90, Renato Machado, 14 mar. 2013, nota coberta).

Por último, conforme exemplo abaixo, Machado é enunciador de uma nota pelada, texto que fica a cargo do âncora no telejornal. Essa nota sem imagens talvez tenha se tornado uma opção devido à escassez de recursos visuais para cobrir o texto. Porém, mais uma vez, ele não sai do estúdio para fazer um *stand up*, como seria feito por um correspondente internacional. Novamente, se percebe o hibridismo que se configura a partir da ambivalência entre o estúdio e a rua, a atividade de âncora e de correspondente.

Chefes de estado também comentaram a escolha de Jorge Mario Bergoglio. Para o presidente Barack Obama, a escolha reflete a importância do crescimento da América Latina no mundo. O rei Juan Carlos e a rainha Sofia, da Espanha, enviaram um telegrama. Para

o presidente francês François Hollande, o papa Francisco assumiu a difícil missão de enfrentar os desafios do mundo contemporâneo. O presidente da União Europeia, o português José Emanuel Durão Barroso, diz ter certeza que o novo papa vai continuar a aproximação da Igreja Católica com outras religiões. Na América Latina o papa recebeu felicitações dos líderes do México, Colômbia, Paraguai e Equador. E o secretário geral da ONU espera trabalhar com o Papa Francisco na defesa do desenvolvimento sustentável, da paz e da erradicação da pobreza (SD 91, Renato Machado, 14 mar. 2013, nota pelada).

Na SD 109, a posição de âncora de Machado ao fazer uma nota pé sobre a crise financeira mundial é reiterada. Nela, ele discursa como voz que tem expertise para falar do assunto. Não é um correspondente que apurou a notícia, é um âncora que possui responsabilidade editorial sobre ela. Elemento este que ajuda a institucionalizar a posição de Renato Machado e lhe confere credibilidade para falar sobre temas internacionais.

Para lembrar, a crise financeira dos países da Europa, da zona do euro, não acabou e não vai ser tão fácil. Vai ser longa e dolorosa. E mais uma vez, como estamos vendo em Chipre, pequenos e grandes poupadores estão pagando por erros dos bancos (SD 109, Renato Machado, 18

mar. 2013, nota pé).

Pode-se propor que a posição enunciativa de âncora internacional ocupada por Renato Machado seja resultado de um prolongamento da passagem comensalista e do apagamento do jornalista no local do acontecimento. Esse correspondente internacional, pelo status que possui e pela posição institucional que ocupa, não precisa ir a campo para ser o enunciador das notícias. Ele abdica da co-presença ou mesmo de um efeito de co-presença característico do correspondente para ocupar a posição daquele que hierarquiza as notícias da editoria de internacional, tornando-se um âncora internacional. Seu papel de organizar as vozes de outros correspondentes, de apresentar a repercussão dos acontecimentos no mundo e não apenas na região na qual está alocado, e de posicionar-se como aquele que é editorialmente responsável pelas notícias e suas interpretações revelam que sua posição enunciativa ultrapassou aquela de correspondente internacional.

### Considerações finais

Retomamos agora a noção de função-autor como a *origem do dizer* imputada a um sujeito descentrado pelos esquecimentos enunciativo e ideológico e da função enunciativa como uma relação singular entre enunciado e enunciador, associada ao *status de quem fala*, aos *lugares institucionais de onde se fala* e à *posição de sujeito*, para compreender a posição enunciativa de Renato Machado no *Bom Dia Brasil*. Ocupada apenas por ele, a posição de

âncora internacional centraliza a editoria de internacional em torno de um sujeito que se torna responsável por organizar e mediar as notícias sobre outros países. Ainda há correspondentes internacionais que relatam os fatos e dialogam com Renato Machado, mas a autoridade e o poder de interpretação recaem sobre esse sujeito colocado na função de autor.

Por meio do estudo dos sentidos e reconhecendo as condições externas em que o discurso foi produzido, podemos dizer que Machado possui um *status* adquirido dentro do campo discursivo. Esse *status* afirma-se pela trajetória que construiu ao longo de sua carreira, que não apenas inclui a ocupação dos cargos de correspondente internacional e de âncora, mas que também é relacionada às características pessoais do jornalista, associado a um conhecimento sobre vinhos e gastronomia por programas que assumiu na *Rádio CBN* e no canal de televisão paga *GNT* durante muitos anos. Esse conjunto de características o torna distinto dentro do campo, possuidor de um capital simbólico elevado.

O *lugar institucional* ocupado por Renato Machado em Londres, autorizado e legitimado pela instituição, foi criado *por e para* ele. Tão importante quanto o amparo da Rede Globo e a credibilidade do *Bom Dia Brasil* para a instituição deste lugar de fala, é o respaldo criado pelo jornalista ao longo da sua carreira, levando em consideração as grandes coberturas as quais reportou para o Brasil, os anos passados como correspondente em Londres e na bancada no telejornal matutino.

Somente esse *status* e esse lugar institucional é que permitem que

Renato Machado assume uma posição de sujeito que é *ambivalente* e ao mesmo tempo *singular* por carregar em si características de duas outras funções enquanto as transforma, gerando assim uma nova posição enunciativa: a de âncora internacional. É justamente por essa singularidade, ainda não observada em outros enunciadores no telejornalismo, que o âncora internacional permanece aqui como uma posição enunciativa relacionada a uma função-autor, onde ele parece ser o único capaz de ocupar esse lugar de enunciação.

Este lugar não é vazio por não ter sido ocupado por outros indivíduos, a não ser em situações excepcionais como folgas ou férias. Seus substitutos, no entanto, não possuem o mesmo status e não ocupam o mesmo lugar institucional que Machado. Portanto, a posição em que se encontra não tem o anonimato uniforme requerido da função enunciativa. Resta observar se futuramente outros sujeitos ocuparão essa posição ou se outros telejornais possuem jornalistas em posição análoga para afirmar que o âncora internacional pode ser de fato uma função no telejornalismo.

---

### Referências bibliográficas

- AGNEZ, L. F. **A profissão de correspondente internacional: entre ameaças e oportunidades.** In: 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2012, Curitiba. Anais eletrônicos. Curitiba: PUCPR, 2012. Disponível em: <[http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/10encontro/comunicacoes\\_coordenadas/luciane\\_fassarella\\_agnez.pdf](http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/10encontro/comunicacoes_coordenadas/luciane_fassarella_agnez.pdf)>. Acesso em: 14 jan 2015.
- ASH, T. G. **Correspondente em extinção.** Observatório da Imprensa, São Paulo, edição 621, 21 dez. 2010. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/correspondente-em-extincao>>. Acesso em: 1 jun 13.
- BENETTI, M. **Análise do discurso: estudo de vozes e sentidos.** In: LAGO, C.; \_\_\_\_\_ . **Metodologia de pesquisa em jornalismo.** Petrópolis: Vozes, 2007.
- \_\_\_\_\_. **O jornalismo como gênero discursivo.** Galáxia, São Paulo, n. 15, 2008.
- BERTASSO, D. **Jornalismo de revista e ethos discursivo: as imagens de si nas capas e nos editoriais de *Veja*, *Época*, *IstoÉ* e *Carta Capital*.** Tese (Doutorado em Comunicação e Informação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das Mídias.** São Paulo: Contexto, 2009.
- CLAUSEN, L. **Localizing the global: ‘domestication’ processes in international news production.** Media, culture & society, London, vol. 26, n. 1, 2004.
- FECHINE, Y. **Televisão e presença: uma abordagem semiótica da transmissão direta.** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

FIORIN, J. L. **Interdiscursividade e intertextualidade**. In: BRAIT, B. (Org.). Bakhtin: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2010.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FRANZONI, S. **A função enunciativa do ombudsman da Folha de S. Paulo**. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

GUREVITCH, M.; LEVY, M.; ROEH, I. **The global newsroom: convergences and diversities in the globalisation of television news**. In: DAHLGREN, P.; SPARKS, C (Orgs). Communication and citizenship: journalism and the public sphere in the new media age. London: Routledge, 1991.

HAGEN, S. **O apagamento do correspondente estrangeiro no local do acontecimento telejornalístico: a passagem comensalista e a editorialização da notícia narrada à distância**. In: VII Encontro da Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. Anais eletrônicos. São Paulo: USP, 2009. Disponível em: < [http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/sean\\_hagen.pdf](http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/sean_hagen.pdf)>. Acesso em: 15 jan 2015.

MAINGUENEAU, D. **A propósito do ethos**. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Orgs.). Ethos discursivo. São Paulo. Contexto, 2008.

MOTA, C. L. **O âncora: um mediador entre a notícia e a nação**. In: VII Encontro da Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. Anais eletrônicos. São Paulo: USP, 2009. Disponível em: < <http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/celia.pdf>>. Acesso em: 15 jan 2015.

ORLANDI, E. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2001.

PECHÊUX, M. **Análise automática do discurso (AAD-69)**. In: GADET F.; HAK, T. (Orgs.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Unicamp, 1997.

PETIT, G. **Paráfrase**. In: CHARAUDEAU, P; MAINGUENEAU, D. (Orgs.). Dicionário de análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2008.

SILVA, C. E. L. **Correspondente internacional**. São Paulo: Contexto, 2011.

WOLTON, D. **Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão**. São Paulo: Ática, 1996.